



INTEGRAÇÃO FRONTEIRIÇA E AS RELAÇÕES CULTURAIS ENTRE BRASILEIROS E ARGENTINOS NO SUDOESTE DO PARANÁ

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3762

Daniela Silvestrin, UNIOESTE/IFPR

Resumo

O conceito de fronteira vem sendo estudado por diversas áreas e de diversas formas, superando a ideia de fronteira apenas como divisão/limite entre um país e outro, mas sendo pensada também como uma fronteira Cultural. Este trabalho pretende abordar as relações culturais que acontecem nas fronteiras, pensando na identidade das pessoas que habitam essa região. Neste caso trabalharei com a Fronteira internacional entre os municípios de Capanema no sudoeste do Paraná e *Comandante Andresito* na *Província de Misiones* na Argentina. Parte da pesquisa realizada se deu através de entrevistas orais com moradores de ambos os municípios e também através de documentos oficiais, atas, acordos, convites oficiais de eventos e reuniões bilaterais, arquivos de jornais onde foi possível verificar a mobilização das autoridades, entidades e lideranças de ambos os municípios em prol de uma integração cultural, mas também com ênfase no comercial. As fronteiras antes de serem marcos físicos ou naturais, são, sobretudo simbólicas. Ao mesmo tempo em que elas carregam consigo um significado de divisão, restrição, separação de modos de vida ou mesmo de idiomas, ela traz uma integração na maioria das vezes através do comércio, que muitas vezes tem por objetivo aumentar o fluxo de pessoas e mercadorias. A integração cultural vai muito além da fronteira física. É preciso que as lideranças juntamente com a população fomentem atividades que integrem os países, que assim possa ter contato com a música, o teatro, as festas populares, e conseqüentemente resultar em uma troca de saberes e experiências.

Palavras Chave:

Integração fronteiriça;
fronteira; cultura.

Introdução

“Outras são as fronteiras
do mundo civilizado
do mundo demarcado
e sitiado
dos limites arbitrados policiados
estendendo-se por territórios
nominados
com títulos de posseção
e domínio.¹

O conceito de fronteira vem sendo estudado de várias formas e por áreas distintas, mas é válido ressaltar que o conceito de fronteira não faz referência apenas a uma demarcação, uma linha divisória onde acaba um país e começa o outro. O termo fronteira vem sendo utilizado em vários sentidos, desde o limite entre dois países, até fronteiras abstratas como bem e o mal, fronteira da natureza, epistemológica e de limite entre a vida e a morte. (FERRARI, 2010, p.21)

As relações nas fronteiras internacionais, a cada dia mais, têm sido amplamente discutidas e estudadas por historiadores, geógrafos, antropólogos, cientistas sociais, literários, folcloristas sendo também de interesse político, por parte de muitos governantes. Na abertura do 1º Encontro Fronteiras Culturais (Brasil – Argentina – Uruguai), que aconteceu em Porto Alegre, na Casa de Cultura Mário Quintana no ano de 2000, o então governador do estado do Rio Grande do Sul, Olívio Dutra, disse em seu discurso que a integração das fronteiras aconteciam principalmente de forma capitalista, voltada as relações de comércio, de troca entre países, com ênfase no econômico e colocava as pessoas em situações de mercadorias, mas que se fazia necessário uma integração de

valores culturais, democráticos e solidários². Entretanto se faz necessário uma atenção especial por parte dos governantes a essas zonas de fronteiras ou cidades gêmeas, que deve promover a integração, regiões onde se deve investir financeiramente, principalmente se forem locais de menor infraestrutura ou mais carentes, como a maioria das fronteiras interiores³ do país.

As cidades gêmeas: apresentam grande potencial de integração econômica e cultural assim como manifestações localizadas dos problemas característicos da fronteira. Aí adquirem maior densidade, com efeitos diretos sobre o desenvolvimento regional e a cidadania. Por esses motivos é que as cidades gêmeas devem constituir-se em um dos alvos prioritários das políticas públicas para a zona de fronteira. (MACHADO, 2005, p. 260-261)

Objetivo

Este artigo pretende abordar as relações culturais que acontecem nas fronteiras, pensando nas questões étnicas e de identidade das pessoas que habitam essa região. Neste caso trabalharei com as Fronteiras Internacionais que foram definidas por meio de tratados e acordos internacionais, como é caso do território brasileiro e argentino, mais precisamente entre os municípios de Capanema e *Andesito*.

Compreender de que maneira aduana entre Capanema e *Andesito* que tem seu horário de funcionamento limitado das 7:00 horas manhã até as 19:00 horas da noite, limita a integração cultural, impedindo assim os moradores de participarem de festividades, shows,

1 Estrofe do poema de Antonio Miranda, “As Fronteiras”. 2004.

2 Olívio Dutra. Governador do Rio Grande do Sul em 2000. In “Fronteiras Culturais”. Org. MARTINS, Maria Helena.

3 Conceito utilizado por José de Souza Martins, no livro *Fronteira: a degradação do Outro nos confins do humano*, onde faz uma profunda análise sobre a coexistência de diferentes formas de trabalho nos espaços de fronteira no interior do Brasil, a maioria marcada pela degradação do ser humano.

eventos no país vizinho, pois a maioria acontece no período noturno, inviabilizando a integração entre os países, pois nem todos possuem uma condição financeira para pagar um hotel, e voltar no outro dia a seu país.

Resultados

Parte da pesquisa que realizei se deu através de entrevistas orais⁴ com moradores da cidade de Capanema, no sudoeste do Paraná e com moradores de *Comandante Andresito*⁵, na *Provincia de Misiones* na Argentina, conhecida apenas como *Andresito*, para compreender um pouco como se dá essa relação na fronteira. Além das entrevistas, de suma importância são os arquivos disponibilizados pela Associação Comercial de Capanema – ACEC, onde pude verificar diversos documentos como atas, acordos, convites oficiais de eventos e reuniões bilaterais, arquivos de jornais onde é possível verificar a mobilização das autoridades, entidades e lideranças de ambos os municípios em prol de uma integração cultural, mas com muita ênfase no comercial.

Conforme Maria Helena Martins, investir no fortalecimento cultural de uma região enfraquecida pela precariedade de condições de vida pode parecer paradoxal, mas esse investimento se baseia no princípio da autoestima: (re)conhecendo-se, as comunidades podem aprender a se valorizar e a criar alternativas, de sobrevivência cultural - envolvendo educação, saúde, habitação e demais benesses do bem-estar social -, que

podem levar à expansão e conquista de novos espaços, tal processo beneficiando o desenvolvimento geral. (Projeto fronteiras culturais). (MARTINS, 2000)

Ao mesmo tempo em que as fronteiras carregam consigo um significado de divisão, restrição, separação de modos de vida ou mesmo de idiomas, ela traz uma integração na maioria das vezes através do comércio, que muitas vezes tem por objetivo aumentar o fluxo de pessoas e mercadorias, como é o caso de Foz do Iguaçu/*Ciudad Del Este/Puerto Iguazu*, Guairá/*Salto Del Guairá*, Barracão/Dionísio Cerqueira/ *Bernardo de Irigoyen*.

As fronteiras antes de serem marcos físicos ou naturais, são, sobretudo simbólicas, de referência mental que guiam a percepção e a realidade (PESAVENTO, 2002, p.35). Em uma das entrevistas que realizei o senhor Hugo Câmara, morador de *Andresito*, que atualmente trabalha no setor de turismo, (algo como um posto de Informações Turísticas), relatou a importância de se direcionar os olhos para o cultural, que não adianta se pensar apenas no comércio, em compras e mercadorias, mas que a integração na fronteira começa pelo relacionamento com as pessoas, de uma forma que não adianta se pensar na passagem de cargas, em um alfandegamento de uma fronteira se as pessoas quando cruzam para o país vizinho não mantém uma relação de amizade, se não se cumprimentam na rua, se quando estão em um mesmo local não se sintam próximos⁶.

4 A História Oral foi utilizada como metodologia para a problematização dos relatos de experiências. Alessandro Portelli ressalta a importância do diálogo e do papel da história oral na busca pela sua preservação. PORTELLI, A. Memória e diálogo: desafios da história oral para a ideologia do século XXI. In: Ferreira, M., M., Fernandes, M., Alberti, V. (orgs.). História Oral: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro-RJ. Editora Fiocruz. 1ª Ed. p.67-72. 2000.

5 Cidade localizada na Provincia de Misiones, no nordeste da Argentina. Tem como principal atividade o cultivo de erva-mate e a pecuária. Possui atualmente cerca de 15 mil habitantes. Faz divisa com o município de Capanema, no sudoeste do Paraná por isso são consideradas cidades gêmeas.

6 Hugo Câmara, morador de Andresito, envolvido nos grupos de trabalho em prol da integração entre os municípios. Concedido em 08 de julho de 2017.

Enquanto o limite é criado pelo poder para controlar e regular as atividades e interações, a fronteira pode ser concebida como espaço de construção social (FERRARI, 2010 p.51)

Para Seoane:

los procesos de integración, si bien no tienden a la disolución completa de las fronteras si determinan una relativa disminución del efecto frontera, es un fenómeno consustancial al concepto mismo de integración y requisito imprescindible para incentivar los flujos de comercio, inversiones y factores, que son su objetivo (SEOANE, 2009, p. 36-37).

Diversas reuniões foram feitas entre os municípios de *Andresito* e Capanema, por pessoas que anseiam o fortalecimento das relações na fronteira. Foi possível verificar através de algumas atas que desde 1991 o Brasil tinha o anseio de concluir, juntamente com a Argentina um acordo para a criação de um Grupo Permanente de Cooperação Fronteiriça, coordenado pelos respectivos Ministérios das Relações Exteriores que favorecesse a análise e possíveis soluções sob enfoque técnico, de temas e fatos destinados a facilitar o trânsito na fronteira, bem como promover soluções práticas para superar possíveis dificuldades conjunturais.

Devemos pensar que, as fronteiras são, sobretudo, culturais, ou seja, são construções de sentido, fazendo parte do jogo social das representações que estabelece classificações, hierarquias e limites, guiando o olhar e a apreciação sobre o mundo (PESAVENTO, 2002). Após a entrevista com o senhor Hugo, percebi que sua fala dialoga com as colocações que Sandra Pesavento⁷ faz no seu texto *Além das Fronteiras*, uma vez que as fronteiras devem caminhar para uma construção simbólica de pertencimento,

ou seja, uma construção de identidade, que se paute como um marco de referência que se define pela diferença. Para Schlee (2002),” o ponto de partida é reconhecer que temos identidades coletivas complexas, conflitivas, diferentes - pois a busca de nossa identidade parte do reconhecimento de nosso pluralismo”.

Quando falamos de relações culturais na fronteira não podemos deixar de lado o conceito de identidade, afinal quem são essas pessoas que vivem de um lado e outro da fronteira? Quem são “*os de lá e os de cá*”? Quais seus hábitos e costumes? Qual sua religião?

Conforme Stuart Hall,

A identidade [...] preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” — entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, “sutura”) o sujeito à estrutura. (HALL, 2006, p. 12).

As fronteiras vão além de uma linha divisória ou simplesmente um marco entre um país e outro, elas são étnicas, “a fronteira cultural é transito e passagem, que ultrapassa os próprios limites que fixa, ela proporciona o surgimento de algo novo e diferente, possibilitado pela situação exemplar do contato, da mistura, da troca, do hibridismo, da mestiçagem cultural e étnica” (PESAVENTO, 2002, p. 37).

Quando se fala em fronteira é comum que as pessoas pensem diretamente em uma fronteira geográfica,

7 PESAVENTO, Sandra Jatahy. “Além das fronteiras”, in MARTINS, Maria Helena (org). “Fronteiras Culturais”, 2002.

em uma divisão entre um país e outro, uma vez que o dicionário define da seguinte forma: “Limite; linha que divide ou delimita, separando um país ou de território de outro(s)”, entretanto temos pessoas que vivem nessas áreas limites, com línguas diferentes, modos de vida, hábitos, economias, que divergem, e estão cotidianamente em contato umas com as outras.

O conceito “zona de contato”, utilizado por Pratt, serve como sinônimo de “fronteira colonial”, sendo assim uma tentativa de invocar a presença espacial e temporal conjunta daqueles sujeitos que foram separados pelas descontinuidades históricas ou geográficas e que no qual suas trajetórias se cruzam (PRATT, 199 p. 32)⁸, uma vez que a colonização de parte do território argentino foi feita por brasileiros, que no final do século XIX migraram para a Província de *Misiones*, e ganhou força a partir do século XX, motivados pela atividade agrícola. Durante o regime militar, notadamente entre 1976 e 1978, os militares argentinos já alertavam o governo nacional que a região de *Andrésito* estava em vias de se tornar uma réplica de *Bernardo de Irigoyen*, *San Pedro* e *San Antonio*, onde grande parte da população era de origem brasileira e a língua ali falada era o português (FERRARI, 2014).

As mudanças na economia global produziram uma dispersão das demandas ao redor do mundo. Não só com bens e serviços, mas também com o mercado de trabalho (WOODWARD, 2000, p 21.). Motivadas pelas necessidades econômicas, as pessoas têm se espalhado pelo globo, de forma que “a migração internacional é parte de uma revolução transnacional que está remodelando as sociedades e a

política ao redor do globo” (CASTLES e MILLER apud WOODWARD, 2000, p.21).⁹

No pensamento de José de Souza Martins (2016) “a frente pioneira¹⁰ é mais que o deslocamento da população sobre territórios novos, [...]. A frente pioneira é também a situação espacial e social que convida ou induz à modernização, à formulação de novas concepções de vida, à mudança social”¹¹. Após essa migração temos um mesmo povo, brasileiros separados por uma fronteira geográfica, então eu pergunto qual seria a “identidade cultural” desses brasileiros que migraram para uma região, onde a língua falada é o castelhano e não o português (embora houvesse muitos brasileiros na região)? Local de hábitos, costumes, leis diferentes? Segundo Hall:

Há pelo menos dois caminhos para se pensar a “identidade cultural”. A primeira posição a define em termos de uma cultura partilhada, uma espécie de “ser verdadeiro e uno” coletivo [...] Pelos termos dessa definição, nossas identidades culturais refletem as experiências históricas em comum e os códigos culturais partilhados que nos fornecem, a nós, como um “povo uno”. (HALL, 1996, p. 68)

Quando pensamos uma integração entre brasileiros e argentinos, temos que pensar que “identidade cultural” essas pessoas que vivem nessas fronteiras possuem. Se a fronteira é um lugar de grande diversidade cultural, as relações entre brasileiros e argentinos devem transcender as barreiras e criar uma cultura compartilhada, verdadeira e única. Não podemos esquecer que cada povo traz consigo a sua história, sua língua, suas

8 PRATT, Mary. Os olhos do império. Relatos de viagem e transculturação. Bauru-SP: Edusc, 1999.

9 CASTLES, S e MILLER, M.J. The Age of Migration. Londres: Macmillan, 1993, p. 5.

10 Segundo José de Souza Martins: “A concepção de frente pioneira compreende a ideia de que na

fronteira se cria o novo, nova sociabilidade, fundada no mercado e na contratualidade das relações sociais”.

11 MARTINS, José de Souza. Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano. 2016, p.135.

crenças, seus modos de produção que são resultados de lutas e processos históricos, ou seja, de acordo com Hall, a população que hoje busca essa integração traz consigo as experiências em comum do seu povo.

A presença dos brasileiros no território argentino fez com que a língua portuguesa tivesse grande influência sobre o castelhano, que se refletiam diretamente nos processos de aprendizagem das escolas. (FERRARI, 2014 *As Teorias da Etnicidade* de Poutignat e Streiff-Fenart (1998) nos apresenta as características de todas as sociedades, como elemento das relações sociais, ou uma dimensão universal das relações humanas, uma vez que não há uma regra para a etnicidade.

Podemos perceber, por exemplo, em uma coluna do jornal “O Trombeta”¹² (fig. 1), de grande circulação no município de Capanema, uma série de piadas sobre os argentinos, inclusive de título pejorativo “Argentininhos”, que teve uma repercussão bastante negativa.

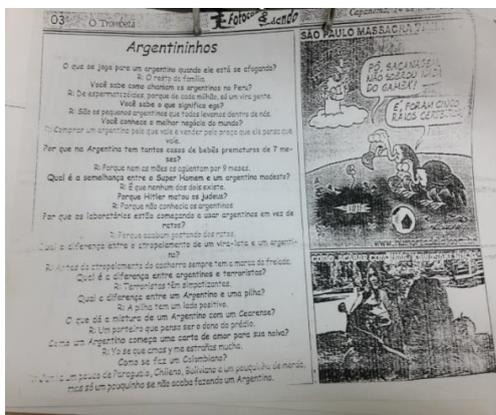


Fig. 1. Jornal “O Trombeta” Edição do dia 14 de maio de 2005.

Tal publicação causou desconforto para os vizinhos argentinos, que inconformados com tamanho

desprezo, redigiram uma carta oficial ao prefeito do município, Sr. Milton Kafer. O então *intendente* do município de *Andresito*, Sr. Aldo Aníbel, assim escreve:

“Con asombro y perplejidad hemos leído en un periódico denominado “La Trompeta” de fecha 14 de mayo del corriente año, con tiraje en Capanema y zonas de influencia una increíble y asombrosa falta de respecto a las mínimas y elementales normas de convivencia entre dos pueblos que farian su futuro mancomunadamente hace mas de 25 años, discriminando en forma absurda al pueblo de la República Argentina”¹³

É perceptível a indignação no discurso do *intendente* de *Andresito*, uma vez que há um grande esforço por parte da população, das lideranças e das autoridades em estreitar os laços e promover de fato uma integração, tal atitude vai contra todos os esforços¹⁴ realizados. E assim Aldo Aníbel conclui sua carta:

“Consideramos y siempre lo hemos hecho a nuestros pueblos Andresito y Capanema como hermanos que tienen lazos comunes y así deberá seguir siendo, es por ello y conociendo vuestra trayectoria, siempre a favor de la integración de nuestros pueblos es que solicitamos interceda, dentro de su ámbito, para que hechos de esta naturaleza no se repitan y para que podamos seguir avanzando en nuestro viejo anhelo de las frontera es un mero hito geográfico plasmado en un mapa y no una división étnica”.¹⁵

Aldo Aníbel deixa claro no final

12 Fundado em 02/01/1989, por Benito Cerineu Locatelli, Carlos Leandro Tscha e Valdelirio Michel (in memorian).

13 O presente documento pode ser verificado junto a ACEC, Associação Comercial e Empresarial de Capanema.

14 Entende-se por “esforços”, grupos de trabalho, reuniões com a polícia federal e a

Receita Federal, reuniões autoridades e lideranças, audiências públicas, carta aos governantes e deputados, eventos realizados entre ambos municípios.

15 O presente documento pode ser verificado junto a ACEC, Associação Comercial e Empresarial de Capanema.

da sua carta que, é preciso seguir avançando nos velhos anseios da fronteira, que a fronteira é refletida em um marco geográfico e não deve ser uma divisão cultural e étnica¹⁶. Não há como negar que, cada vez mais, as identidades são plurais e as nações sempre se compuseram na diferença, mais ou menos escamoteada por uma hegemonização forçada, em grande parte artificial (CHIAPPINI, 2002, p. 44).¹⁷

Esse acontecimento do jornal “O Trombeta”, nos chama a reflexão sobre os estereótipos que criamos das diferentes culturas e identidades, o que acaba ficando intrínseco nas narrativas e resulta em atitude como a publicação do jornal (fig 1). O estereótipo nasce de uma caracterização grosseira e indiscriminada do grupo estranho, em que as multiplicidades e as diferenças individuais são apagadas, em nome das semelhanças superficiais do grupo (ALBUQUERQUE JR, 2006, p. 20). Nossas identidades culturais refletem as experiências históricas em comum e os códigos culturais partilhados que nos fornecem, a nós, como um “povo uno” (HALL, 1996, p. 68).

O então prefeito de Capanema em 1995, Sr. Milton Kafer, escreveu uma carta aberta à população de *Andresito*, para se desculpar pelo acontecido finaliza a mesma dizendo:¹⁸

“Para tanto precisamos combinar a força das ideias e dos sonhos com o desvelar da realidade e de seus problemas através das ações que reorientem na direção da formação de um só povo, ideia que habita em nossos corações mas teima em não

acontecer”.

Conforme José de Souza Martins, “no âmbito das respectivas concepções do espaço e do homem, a fronteira é, na verdade, ponto limite de territórios que se redefinem continuamente, disputados de diferentes modos por diferentes grupos humanos”. (MARTINS, 2016, p. 10).

Considerações Finais

Podemos concluir que os passos para uma efetiva integração entre os países são lentos, uma vez que esbarra em leis, burocracias, preconceito e visões estereotipadas do outro. Como podemos perceber a integração cultural vai muito além da fronteira física. É preciso que não só as lideranças lutem e fomentem atividades que integrem a população, mas que a própria população assuma esse papel que vai além de uma relação de comércio, em que as pessoas vão ao país vizinho com o intuito de comprar, mas que se possa ter contato com a música, o teatro, as festas populares, e assim possa haver a troca de saberes e experiências.

É importante que as instituições de ensino pensem em como fomentar e realizar trocas científicas e culturais através da produção de seus alunos e como elas podem agregar à formação deles, como as trocas podem trazer um maior aprendizado e refletir nas atitudes dos mesmo quando esses forem lideranças em suas cidades.

A atitude de extremo preconceito publicada em um jornal de grande circulação demonstra que nem todos pensam da mesma forma e que a integração não deve ser algo forçado, mas

16 Os diversos grupos que vivem na região: Índios Guaranis, descendentes de espanhóis, descendentes de Alemães e Italianos que vieram de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, moradores da região norte do Brasil que vem em busca de trabalho.

17 CHIAPPINI, Ligia “Multiculturalismo e Identidade Nacional”, in MARTINS, Maria Helena (org.) “Fronteiras Culturais”.

18 Carta aberta à população de Andresito, que está arquivada na ACEC – Associação Comercial e Empresarial de Capanema. Escrita pelo então prefeito Milton kafer, com data de 25 de Maio de 2005.

algo natural e resultante dos esforços de toda a população, uma vez que os conflitos entre brasileiros e argentinos vem de muitos anos atrás, motivadas ainda pelos Espanhóis e Portugueses, que estiveram diretamente ligado a disputa desse território, mas que deve ser deixada de lado em prol de um ganho que as trocas culturais podem acrescentar as populações de ambos os países .

Referências

- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Recife: Massanga; SP: Cortez, 2006.
- BECKER, B. **Amazônia: geopolítica na virada do III milênio**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- CHIAPPINI, Lgia. **Multiculturalismo e Identidade Nacional**. In MARTINS, Maria Helena (org.) Fronteiras Culturais. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- FERRARI, Maristela. **Conflitos e povoamento na fronteira Brasil – Argentina: Dionísio Cerqueira (SC), Barracão (PR) e Bernardo de Irigoyen (Misiones)**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2010.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A 2006. 102 p.
- HALL, Stuart. **Identidade Cultural de Diáspora**. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n.24, p.68-75, 1996.
- MACHADO, L. O. **Estado, territorialidade, redes**. Cidades gêmeas na zona de fronteira sul-americana. In: SILVEIRA, M. L. (org.). Continente em chamas: globalização e território na América Latina. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 243-284.
- MARTINS, José de Souza. **Fronteira: a degradação do Outro nos confins do humano**. 2ª ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.
- PESAVENTO, S. J. **Além das fronteiras**. In: MARTINS, M.H (org.). Fronteiras Culturais. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: Ed. UNESP, 1998.
- PRATT, Mary. **Os olhos do império**. Relatos de viagem e transculturação. Bauru-SP: Edusc, 1999.
- SCHLEE, Aldyr Garcia. **Integração cultural regional**. In: MARTINS, Maria Helena (org.) Fronteiras Culturais. São Paulo: Ateliê Cultural, 2002. p. 61-64.
- SEOANE, Alfredo Flores. **Integración económica y Fronteras: bases para un enfoque renovado**. In: SEOANE, A. F., ORIAS, R. A. e TORRES, W. A. Desarrollo Fronterizo: construyendo una nueva agenda. La Paz: Universidad de la Cordillera, 2009.
- WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 4ª. Ed. Petrópolis: Vozes, 2000.